As origens dos Índios Cariris

TH. POMPEU SOBRINHO

Sabe-se que o povoamento precolombiano do Continente Americano, processado no decurso de muitos milénios, fez-se com a contribuição de povos primários de origens étnicas diferentes, oriundos de pontos diversos do Velho Mundo.

Cinco correntes migratórias, cada uma composta de numerosas levas mais ou menos volumosas, chegaram à América em épocas diversas, sucessivamente, no curso secular da preistória deste Continente.

As duas primeiras correntes compunham-se de paleolíticos, dolicóides do tipo australiano. Alcançaram o Novo Mundo, vindos da Sibéria pelo caminho do NW., o actual estreito de Bering, que atravessaram a pé enxuto, imediatamente antes e logo depois da culminação glacial do mancato, sub-período Wisconsiano.

A terceira corrente chegara também da Sibéria pelo estreito de Bering ou pela cadeia das ilhas Aleutinas, em pequenas embarcações de peles armadas sobre uma estrutura rudimentar de madeira. Estes imigrantes eram mesolíticos que começavam a polir a pedra, confeccionar uma grosseira cerâmica, usar com mais desenvolvimento os utensílios de osso e exercitar uma rudimentar agricultura; mas as suas principais actividades estavam voltadas ainda para a caça e a pesca marítima.

A quarta corrente migratória, muito numerosa, compunha-se dé uma infinidade de levas de um povo formado no SE. da Ásia, protomalaios, braquicéfalos ou braquióides, de cultura média ou neolítica. Foi enorme a duração desta migração,

cujas levas chegavam ás costas intertropicais da América, em embarcações relativamente rudimentares, navegando pelo Pacífico.

Discute-se o itinerário marítimo seguido por estes povos dotados de extraordinário dinamismo. Querem alguns estudiosos tenham vindo através do oceano; outros acham que teriam perlongado as costas asiásticas de sul a norte e, assim, hajam alcançado as do ocidente da América, pelas quais desceram, premidos por várias circunstâncias. Chegaram à região intertropical, donde se internaram pelo Continente, ora buscando as zonas meridionais dos Estados Unidos da América do Norte, ao longo da faixa litorânea e sublitorâneas do golfo do México, ora procurando a cordilheira setentrional dos Andes. Inadequada ás suas actividades prosseguiram e, transpondo-a, expandiram-se pelas terras quentes e húmidas das bacias do Orenoco e do Amazonas, onde encontravam as condições especiais aos seus precípuos movimentos culturais: a agricultura, a navegação fluvial, a caça na floresta, a pesca abundante nos lagos e nos rios. Nessa vastíssima região concentravam-se as levas que chegavam do NW. colombiano e, provàvelmente, outras da mesma origem étnica que, depois de perlustrarem as costas do golfo de México e a península da Flórida, passavam através das Antilhas para a metade meridional do continente. A terra firme alcançada nas proximidades do largo delta do rio Orenoco facilitava o internamento pela navegação fluvial que levava áquelas privilegiadas zonas do ocidente da amazónia.

A quinta e última corrente de povoadores exóticos procedia da Oceânia; compunha-se de protopolinésios, braquióides, de estatura baixa, com notável dinamismo. Fora, porém, muito reduzida em número de elementos.

Chegara em época relativamente recente às costas ístmicas e colombianas, depois de atravessarem o Pacífico, em levas pouco numerosas e de pequeno volume. Por isto a sua influência étnica parece insignificante, mas, em compensação, mercê da alta cultura de que era portadora, a sua influência civilizadora fora considerável.

Cada uma destas correntes deu tipos raciais diferentes, formados sob o estímulo diferenciador do meio físico, de vários cruzamentos com elementos dos diversos contingentes e, principalmente, como consequência de algumas mutações que se fixavam de geração em geração, generalizando-se dentro de certo âmbito territorial, mais ou menos isolado, ou área de formação racial.

O número de tipos étnicos conhecidos anda por cerca de uma dúzia. Os imigrantes da quarta corrente, ao que parece, sómente deram origem a dois tipos raciais: o dos SUDÉSTIDOS, na América do Norte, e o dos BRASÍLIDOS na América do Sul.

Os tipos étnicos subdividem-se em famílias linguísticas ou linguo-culturais que, como o nome está indicando, obedecem a um critério discriminativo cultural, especialmente baseado nos caracteres linguísticos.

O tipo BRASÍLIDO abrange, de acordo com os actuais conhecimentos da linguística sul americana, as três grandes famílias.

I — Aruàque
II — Tupi
III — Caraiba

e mais a sseguintes de muito menor importância:

IV — Tocana
V — Pano
VI — Uitoto
VII — Peba
IX — Zaparo
X — Yuracare
XI — Tchapacura
XII — Tchecobo
... — .....

Esta relação de famílias não é definitiva. Os estudos mais

acurados da linguística sul americana podem imprimir modificações importantes, sobretudo fazendo crescer o seu número.

*
* *

O objecto deste trabalho visa a uma circunstância desta natureza; propõe-se a demonstrar que a família CARIRI, de índios nordestinos, não pode ser mais considerada como de origem australóide, isto é, constituída por elementos oriundos das duas primieras correntes imigratórias. Também não se deve filiar y terceira, que teve localização muito especial e restrita na América do Sul.

Os *cariris* são oriundos da quarta corrente, malgrado o ensinamento de todos os antropologistas e historiadores nacionais. A demonstração parece cabal, embora não absolutamente completa, pela carência de elementos antropológicos e etnológicos. Todavia, esta deficiência não prejudica o rigor das deduções.

Para ser completa, a demonstração exigiria, além do aspecto linguístico ou linguo-cultural, o aspecto antropológico. Pouco conhecemos das particularidades somáticas dos extintos índios dessa nação.

Sabemos, entretanto, que eram de baixa estatura, braquicéfalos e relativamente camecrânios (cabeça chata), pois a tradição destes caracteres se conserva ainda, e é confirmada porque tais qualidades antropológicas se vem perpetuando nas populações do sul do Ceará e de outras zonas do nordeste brasileiro que receberam o influxo da hereditariedade cariri.

Mas, quanto ao aspecto cultural, não resta dúvida que apresenta modalidades características, e afasta positivamente a origem assente nas três primeiras correntes de imigrantes siberianos de cultura paleolítica ou mesolítica.

Os achados de peças da sua cerâmica e dos utensílios líticos, objectos de osso, tecidos, etc. e outros elementos usuais revelados pela sua linguagem e conservados pela tradição local, mostram uma bem evoluída cultura média ou neolítica, incon-

fundível com a dos povos mais primitivos, disseminados no nordeste do Brasil.

Para von Martius, os cariris pertenciam a sua divisão dos *Gucks* ou *Cocos*, ao lado dos *sabujás* e outras tribos que agora fazem parte das famílias *Caraiba* e *Aruaque*, como os *macusis*, *paravilhanhanas*, as *manaus*, *maraúás*, *uirinas* e várias outras. vivendo nos mais longínquos rincões da amazônia ocidental.

Não é, pois de admirar que o velho linguísta abade Lourenço Hervás, no seu tempo, tenha aparentado a língua cariri com a dos *moxos*, legítimos nu-aruaques bolivianos.

Antes de Martius, Alcides d'Orbigny incluira os cariris na sua inexpressiva divisão dos Brasílio-guaranís. Os velhos cronistas, que registaram informes relativos aos indígenas, ofereciam melhor classificação, colocando este grupo nordestino na classe dos *Tapuias*, ou índios de língua travada, que abarcava todos os indígenas que não falavam a língua tupi ou qualquer dos seus dialectos.

Martius pensava que os cariris "índios do sertão do rio São Francisco", estendiam o seu domínio até os rios Curú e Acaraú, no Ceará, o que estava bastante longe da verdade. Apesar de já ter sido satisfatòriamente demonstrado que estes ameríncolas, no Ceará, não habitarem as regiões centrais, limitando o seu domínio ao sul do Estado, especialmente ao vale do rio Salgado e a zona fresca do vale que tomou a denominação tribal, conspícuos divulgadores da história do Brasil continuam propagando noções erradas a respeito do *habitat* deste povo.

O etnólogo alemão sòmente conseguiu contacto com restos degradados da nação cariri, colhendo impressões muito desfavoráveis, como era natural a um tal estado de aculturação. Concluiu que os *Gucks*, raça inferior, aproximam-se contudo dos Moxos, pelos seus caracteres físicos, morais e até mesmo linguísticos. Embora sejam os *Moxos* um importante grupo da grande família nu-aruaque, a mais avançada divisão dos *Brasílidos*, não trepida em atribuir aos cariris as mais tristes qualidades como: ladrões, tratantes, desconfiados, pusilânimes, não guerreiros, que deixaram os portugueses se apossarrem do seu

país! Os Gucks, para Martius, como raça, eram das mais feias e embrutecidas. Somáticamente eram mais delgados do corpo e mais fracos do que os botocudos, menores do que os gês, com uma cor mais amarela-escura do que pròpriamente cor de cobre. Nestas condições, os Guck e portanto, também os cariris, se afastavam físicamente dos aborígines derivados das primeiras correntes imigratórias que deram origem aos botocudos, gês, camacans, etc.

Daniel Brington, na sua obra clássica, "The American Race", referiu-se aos cariris dizendo que, entre os Guck de Martius, os mais notáveis eram os cariris ou Kiriris. E acrescenta: "são considerados como das mais instruídas tribos do Brasil; dados à agricultura, hábeis no tecer o algodão, no que empregavam um fuso (poponghi) e um tear (wonkuró) primitivos com tramas de diferentes classes".

Depois de observar as semelhanças linguísticas com o idioma dos *sabujás* e observar que no seu próprio há empréstimos oriundos do *tupi* e do *caraiba*, lembra que von den Steinen admite que os cariris chegaram do Amazonas ocidental. (*in* Durch Central-Brasilien, pg. 303). Realmente, Steinen considera o cariri como um broto remoto de género *Caribe*.

Em 1877, em carta ao Dr. Benjamim Franklim Ramiz Galvão, o douto linguísta Baptista Caetano de Almeida Nogueira, publicada à guisa de prolóquio à 2a. edição da "Arte de Gramática da Lingua Brasílica da Naçam Kiriri", composta pelo Pe. Luís Vicencio Mamiani, obra pela primeira vez impressa no ano de 1699, após longas e judiciosas comparações e observações, conclui que "não fica decidido que o Cariri seja efectivamente e no rigor da palavra, dialecto da Língua Geral, mas vê-se que tem muito dela, assim como do Kechua Callu..."

Von den Steinen e P. Ehrenreich colocam o cariri entre as línguas de *duvidosa afinidade;* mas Rodolfo R. Schuller julga que há positivas afinidades ligando-o ao falar do que chama tribos aruaque-caribe.

As informações etnológicas colhidas e condensadas por Robert H. Lowie a respeito desta gente, *in* "Handbook of Ame-

rican Indians", Vol. I, pgs. 556 a 559, confirmam a inclusão no grupo de que fazem parte aruaque, caribe e tupi.

Tudo isto, certamente desperta o interesse de indagar mais a fundo da real taxinomia do cariri, completando e ampliando os estudos comparativos da língua. Este problema de classificação preocupou muito a von den Steinen que confessa o fracasso dos seus trabalhos a respeito.

Os estudos neste sentido empreendidos incidente e perfunctòriamente por R. Schuller e mais modernamente por C. H. Coeje já representam uma animadora experiência e um estímulo para novas pesquisas mais desenvolvidas e conclusivas.

Nós mesmos tínhamos já vislumbrado o parentesco linguístico do cariri com idiomas do tipo brasílico (caraiba e tupi), bem como, um pouco mais remotamente com o ketchua, língua não pertencente aos brasílidos (Vê Contribuição para o estudo das afinidades do cariri", publicado em 1928, na Revista do Instituto do Ceará).

Verifica-se atualmente quanto fora acertada aquela tentativa mesmo no caso do Ketchua, pois, evidentemente, o falar das Incas demonstra certas relações ou afinidades com o Brasilido, assim como com outras linguas Americanas.

Este facto tem uma explicação lógica.

Chamamos *Brasílido* a língua morta de que derivaram as actuais famílias que se originaram da diferenciação étinico-cultural do tipo racial deste nome. Teria sido o idioma usado por um importante grupo de protomalaios logo depois da chegada á América, mas antes da sua segmentação. Parece natural supor que essa língua arcaica já trazia um começo mais ou menos apreciável de divisão, que se acentua com a dispersão e isolamento dos grupos no interior do continente, dando as diversas famílias agora conhecidas e outras que se perderam.

Não consideramos empresa utópica a pesquisa de elementos que levem a uma parcial reconstituição do *Brasílido*, como língua comum de derivação do caraiba, do aruaque, do tupi e dos outros idiomas de menor importância, entre os quais, agora, importa incluir o cariri.

Evidentemente, como disse Baptista Caetano, o cariri não é um dialeto aruaque, tupi ou caraiba. Pensamos, porém, que se deve colocar ao lado destes idiomas, na mesma ordem, como o pano, o tocano e outros do extremo oeste da bacia amazónica. Trata-se de uma língua coirmã, oriunda, como todas aquelas, de um tronco comum, que se pode chamar, até melhor conhecimento das circunstâncias que envolvem a questão, de BRASÍLIDO ou BRASILIO, língua morta da qual se destacaram, em condições diversas, directa ou indirectamente, todas as que constituem as famílias mencionadas e outras mal conhecidas e desaparecidas.

E' possivel que os protomalaios, ao chegarem no Continente Americano, já traziam o germe de algumas diferenciações linguísticas. Isto é de presumir porque no seu longo, demorado e acidentado trajecto pelo Pacífico teriam recebido naturalmente dos povos com que tiveram contactos nas costas asiáticas ou que se diferenciavam nas ilhas oceânicas, onde escalavam as levas migratórias, influências culturais e especialmente linguísticas.

A segregação de grupos nas densas selvas equatoriais e certas circunstâncias ligadas ao itinerário seguido para aquelas regiões, como o contacto com populações mais antigas, teriam completado a diferenciação linguística das famílias.

*
* *

O cariri em vista do que R. Schuller chama a sua origem aruaque-caribe, e cuja língua, como refere o Dr. von den Steinen, indica relações com os idiomas do Ucayali e Alto Marañon, teria procedido dos confins ocidentais da bacia amazónica, centro principal da extensa área de dispersão dos *brasílidos*. Este povo, ao que parece, pertence àqueles grupos indígenas que viveram séculos no NW. da grande bacia fluvial, onde chegaram depois de atravessar a cordilheira. Ali se constituiu a sua área de caracterização.

Com a concentração, que se verificou depois, pela acorrência de numerosas tribos, oriundas também do litoral colombiano e talvez do ístimo para região tão apetecida e acessível, as condições de vida tornaram-se difíceis, sobretudo para uma gente eminentemente pacífica, mercê especialmente de guerras contínuas.

Devemos supor que os cariris foram dos primeiros a emigrar seguindo para leste, pela corrente dos rios afluentes da Amazonas e do Orenoco e mesmo pelo curso principal daquele. Proseguindo nesta direcção, chegaram à confluência do rio Araguaia pelo qual, tudo leva a crer, subiram; e tomando o Tocantins, para se afastarem das populações australóidos do planalto, passaram alguns para as cabeceiras do rio Parnaíba, mas, principalmete, desceram pelos afluentes norte-ocidentais do rio São Francisco e estabeleceram-se nas suas margens. Dali se disseminaram para o norte e para o sul, indo senhorear os melhores trechos da Borborema, dos sertões ocidentais de Pernambuco e do sul do Ceará. Para o lado meridional do rio São Francisco, dominaram a parte superior das principais bacias dos rios da drenagem atlântica até o Paraguaçu. Esta é a sua área de dispersão, tendo como centro as margens do ramo norte do rio São Francisco. Nessa vasta região, que encontraram parcialmente ocupada por populações arcaicas, de origem australóide (sobretudo gê), vieram ter, também, levas de caraibas.

Os cariris comprimidos entre os seus vizinhos de leste, velhas populações de proveniência australóide, e os novos advenas conseguiram imiscuir-se entre aquelas tribos, indo ocupar regiões proximas do oceano que, entretanto, não alcançaram.

O isolamento relativo de certos grupos ao longo do rio São Francisco, ao sul e ao norte, e o contacto com aquelas antigas populações e com a dos caraibas operaram a segmentação da língua prè-cariri em dialectos diversos, mas dos quais sòmente conhecemos quatro seguintes:

Kipéa
Dzubucuá

Pedra Branco
Sabujá

Provàvelmente, o grupo que veio habitar o sul do Ceará possuía um dialecto próprio, de que, infelizmente, afora alguns raros topónimos, nem relíquias já existem.

Supõe-se, com algum fundamento (Radin), que as tribos de falar tocano, pano, uitoto e outras, cujos remanecentes ainda vivem naquelas regiões do NW. da bacia do Amazonas, com um sistema de vida sensìvelmente igual, foram os primeiros imigrantes que ali chegaram. Devemos acrescentar: oriundos da nossa quarta corrente.

Seriam protomalaios que penetraram o interior do Continente em busca de regiões adequadas ao seu estilo de vida. Ter-se-iam seguido os cariris e logo depois os caraibas, provàvelmente, também chegados do noroeste colombiano, os quais, como já teriam encontrado as grandes planícies húmidas dos sobpés orientais dos Andes, relativamente ocupadas, logo emigraram para leste, descendo pelos afluentes do Orenoco. Parece que os nossos cariris já tinham iniciado esta mesma migração, ou o fizeram simultaneamente, mas, de preferência, procuravam os tributários do Amazonas. Enquanto os caraíbas se foram concentrar nas Guianas e Venezuela, com poucas infiltrações para o sul do rio Amazonas, os cariris procuravam o nordeste do Brasil.

Sòmente mais tarde teriam alcançado as planícies do NW. os tupis e em seguida os aruaques. Pensa Radin que estes e até mesmo os tupis, dadas as suas afinidades culturais com os SUDÉSTIDOS da América do Norte e ao que parece também com os índios das Grandes Planícies daquela metade do Continente, vieram das bordas do golfo de México ou do interior dos Estados Unidos, provàvelmente com a idéia de que teriam ingressado pelo estreito de Bering.

O caminho destas migrações para a América do Sul, teria sido a cadeia de ilhas ocidentais do mar das Caraibas. Destarte, os índios haveriam alcançado o Continente bem perto do

amplo delta do Orenoco, pelo qual subiram a corrente principal e a dos seus afluentes, indo ter as regiões ocidentais e sudoestes da bacia amazónica (aruaques), e de leste e sul (tupis). Acrescentamos porém que, quanto aos primeiros, isto poderia ter acontecido, pelo menos em parte, mas, quanto aos segundos, parece-nos mais acertado supor que derivam das costas colombianas ou ístmicas. Os tupis teriam deixado as planícies do NW amazónico depois dos caraíbas; seguiram para leste pelo rio Amazonas e subiram os seus afluentes meridionais, Madeira, Purús, Tapajós e Xingu especialmente. Neste percurso iam deixando remanecentes mois ou menos importantes, a muito dos quais ainda encontraram os colonizadores europeus, mais ou menos isolados por ali.

*

* *

O Sr. Rodolfo Schuller teve oportunidade de fazer dois ensaios de comparação linguística, interessando, entre outras famílias, geralmente da bacia amazónica, a cariri. Do seu trabalho, "Yñerre, O Stammvater dos Indios Maynas", transcrevemos as seguintes aproximações destinadas a mostrar o parentesco do cariri com as línguas aruaques, caraibas, tocanos e panos (1):

---

(1) Nas comparações, usamos as abreviações seguintes:

A **Aruaque, família**
K Caraiba, **família**
T Tupi, **família Tupi-Guarani**
Tc Tucano, **família**
P **Pano, família**
C Cariri, **família**

A1 **Allouges das Antilhas**
A2 **Amuescha**
A3 **Anti ou Campa**
A4 **Araicu**

Baeké, sobrinha, filha do irmão **páki, pai Tc. 18**

pakê-ro, **avô Tc.11**

A5 **Arauá**

A6 **Arawaak ou Arauac**

A7 **Ariti (Paressi)**

A8 **Aruan de Marajó**

A9 **Aruaco da Venezuela**

A10 Arwacca

A11 Atorai

A12 Baniva ou Baniba

A13 Baré

A14 Bauré

A16 Canamaré

A17 Canawari

A18 Carla

A19 Carutana

A20 Catapolitani

A21 Catoquina

A22 Catoquinau

A23 Cauixana

A24 Curina

A25 Cuniba do Jurua

A26 Custenau

A27 Goajiro

A28 Guaná, Chané, Layana

A29 Guianáu

A30 Guinau (kinikinau)

A31 Ipuriná

A32 Yucuna

A33 Yumana, Jumana

A34 Manau

A35 Marauá

A36 Mariaté

A37 Mawakwá

A38 Mehinacú

A39 Moxo, Mojo

A40 Pammarí

A41 Paressí (Steinen)

A42 Passé

A43 Paunaco

A44 Piapoco

A45 Piro

paxko pai Tc. 20; Tc.11
páki, pai Tc. 18

A46 Siusi
A47 Tacana
A48 Tariana
A49 Taruma
A50 Tchontaquiro
A51 Ticuna (?)
A52 Vainumá
A53 Uarekena
A54 Uirina
A55 Uro ou Pukina
A56 Wapissiana
A57 Waruá
A58 Yakuna
A59 Yaulapiti
A60 Yavitera
A61 Taino

K1 Accawai
K2 Aparai
K3 Apiacá
K4 Arara
K5 Arecuna
K6 Arinagoto
K7 Arumá
K8 Bakairi
K9 Bonari
K11 Chaque
K12 Caraiba
K13 Caribi
K14 Caribici
K15 Cariniáco
K16 Carixona. Carijona
K17 Kianagoto
K19 Kirikere
K21 Cumanagoto
K22 Cuneguara
K23 Decuana
K24 Galibi
K25 Guaiaqueri
K26 Guaque
K27 Ingaricó

pako, tio, irmã do pai Tc3

baque, **rapazinho, filho P18**

K28 Ipurigoto
K29 Iabarana
K30 Yaguá
K31 Yameu
K32 Yauaperi
K33 Yekuna
K34 Yuma
K35 Korpokery
K36 Maiká
K37 Malógong
K38 Makiritári
K39 Macuxi
K40 Mapoio
K41 Motilon
K42 Mutuan
K43 Muxikeri
K44 Pimenteira
K45 Oyama
K47 Nahuquá
K48 Palmela
K49 Panáre
K50 Paravilhana
K51 Pariri
K52 Partamona
K53 Patagon
K54 Pianagoto
K55 Piritu
K58 Purukotó
K60 Sapara
K61 Seregong
K62 Shebaio
K63 Taino
K64 Taira
K65 Tamanaco
K66 Tapariko
K67 Tiverigoto
K68 Trio
K69 Tchayma
K70 Tchacopata
K71 Tchipa
K72 Uaiká

baquennanete, útero P18
baquesama, sogros, pais da mulher P18; P7.

K73 Uayana
K74 Urucuiana
K75 Wayewé
K76 Wayumara
K77 Woyawai

T1 Apiacá
T2 Araquaju
T3 Aueto
T4 Cayuá
T5 Cayowa
T6 Canoeiros
T7 Kauahib
T8 Cocama
T9 Chiriguano
T10 Gatuquinaru
T11 Guajajara
T12 Guarani do Paraguaí
T13 Juruna
T14 Mundurucu
T15 Omagua
T16 Parintintim
T17 Tupi do Pe Figueira
T18 Tembé
T19 Kamayurá
T20 Tupi (Pe. Tastevin)
T21 Paranawat, Parnawat
T22 Tupi antigo da costa
T23 Tupi de Arronches
T24 Tupi (segundo Adam)
T25 Lingua Geral (Martius
T28 Tupi (Vocabulário de Gonçalves Dias)
T29 Tupi (Ferreira França)
T30 Tupinambá de D'Evreux
T31 Tupinambá da Porandubi Maranhense
T32 Oyampi
T33 Curuahé

baquená, parir P18
vaqué, criança P16

T34 Chipaya
T35 Trio
T36 Manitsauá
T37 Guarayo
T38 Tupi antigo (Pe. Moraes, Pernambuco)
T39 Guarani (Montoia)
T40 Neengatú (Stradelli)
T41 Zaparô
T42 Miranha
T43 Neengatu (F. Costa, Amazonas)
T44 Abaneenga, (Baptista Caetano)
T45 Quêpiquiriuáte
Tc1 Bará
Tc2 Cobeuá
Tc3 Cobéua (Uykicét)
Tc4 Koeretu
Tc5 Dessana
Tc6 Pamoá
Tc7 Patzóka (iuruti)
Tc8 Pioyé
Tc9 Pirá Tapuia
Tc10 Tatu Tapyia
Tc11 Tucano ou Tocano
Tc12 Uaiana
Tc13 Uanama
Tc14 Uaikana
Tc15 Uantyua
Tc16 Umána
Tc17 Urubú Tapyia
Tc18 Yakuna ou Jaunavo
Tc19 Yupuá ou Jupuá
Tc20 Tuyuka
Tc21 Yúpúa

P1 Aguanagua
P2 Amahuaca
P3 Araza
P4 Arazairea
P5 Atsahuaca

	wake, **filho P8**
	accóh, irmão K44
	aconé, **primo, Guaíba**
	paché, **nora K69**
	-bache, **sobrinha A63**
padzú, **pai**	payu, **pai A48**; n. atsu, **mãi A46**
payé, **pai**	pa-ýu, **pai A58**
	i-pahé, **sobrinho/a K45**
	p-áyu, **pai A32; A48**
	opatzi, **mama A62**
	opadyá, **peito T13**

P7 Conibo
P8 Caripuna
P9 Caxinauá
P10 Caxibo
P11 Culino
P12 Janináua
P13 Maioruna
P14 Maxuruna
P15 Pacaguara
P16 Pano
P17 Remo
P18 Sipibo

P19 Yamiaca
P20 Katukina do Gregório

DIALETOS CARIRI

PB Cariri da Pedra Branca
Dz Dzubucuá
Kp Kipéa
S Sabujá

Nas transcrições foram usadas as ortografias dos próprios coletores de vocabulários. Como são estes de diferentes países, com linguas diversas, há uma certa discrepância que deev ser levada em conta. Os vocabulários aqui referidos são muito conhecidos paar que importe referir os seus autores Devemos contudo anotar que a maioria provém do Dr. Cart Friedr. Phil. von Martius (in Glossaria Lnguarum Brasiliensium, edição de 1863). Também foram valiosas as contribuições de Ehrenreich, v. d. Steinen, Koch Grünberg, Marcoy, Creveaux, Barbosa Rodrigues, Baptista Caetano, Stradelli, Lucien Adam e Paul Rivet.

batth-hüt, **estrela**
bat-püt **(Sab.)**, **estrela**

massi-cu, **lua A5; A64**
vaji-se, **A14**
mahi, **sol A5**

j. ats. ammuh, **parente**

atz, **homem A62**
d. az. a, irmã mais nova A41
atz. iri, homem, "nos" os Campas A62
atsi-u, **mãi Trumaí**
attsí-u, **tio A52**
átsi-nari, **homem A19**
átsi-nali, **homem A20; A46**
átsi-a, **A48**
ket-áthi, **criança A60**
c-átche, **sol A28**
s-ache, **sol A43**

ibi-chó, **homem, pessoa**
poitzu, **pai (Sab.)**
dzó, **sobrinho**
dzo-dze, **irmã mais velha**

an-zu, **mãi A4**
tsógu, isógu, **tio, irmão da mãi K8**
tseku-tschu, **penis Jurí**

lai-koh, **pai**
mi-ukoh **(Sab.)**, **rapaz, menino**
cuccu, **tio**

kucku, **tio materno K44**
coco, **homem Saliva**
kóki, **cunhado A62**
tschoucú, **homem Jurí**
accóh, **irm-ao K44**
n-aco, **tia A12**

yae-ké, **sobrinha filha da irmã**
teké, sobrinho
renghé, **esposo**
by-ke, irmã mais nova
paiden-hé, **"patruus"**
pa-yé, **"patruus"**
nhi-ké, **tio**
hig-gah, mãi

tschiaun-gah, **tio K44**
nin-bekü, **maça P11**
bé-kí, criança T33
pe-que, **menino, rapaz K21**
hana-ko, **mulher ,em geral — Caráyá**
bé-ki-tipit, rapaz T33
hanane-ki, criança A62
ichocori-quy, criança de peito K19
chiquiriquiri-quy, criança de peito K28
mure-mure-quy, criança de peito K39

bur-án, **irmão**
hurang pany, **velho**
igniaklü-bürüh, **irmã**

yo-pürü, **tia, irmã do pai K8**
uta-puri, irmã mais velha A57
ita-püri, irmão mais velho A59

	piry, **irmão mais novo K17**
	na-biri, **moça A 31**
	nou-béri, **meu irmão A44**
gib-uléh **(Sab.), irmão**	m-olü-rü, **criança K44**
guim-uleh **(Sab.), filho**	**m-oule-ké, papazinho K24**
	úlue, criança — Uitoto
	m-ule, **parente A45**
	c-ule, **amigo K45**
	k-ulé, **criança A8**
	m-ure, **moça K28; K65**
	ua-uri, **mulher K9**
	n-uri, **rapaz K44**
	um-uru, **sobrinho K19**
	m-uru, **filho A40**
	oli-psic, **filha K45**
	ou-oli, **mocinha K24**
	im-ulu, **ovo K19**
	nuh-m-ullu, **ventre A33**
	mouron, **filho K24**
kütsi, mulher	utschy, **irmão P11**
iniut. kütsih (Sab.), filha	damadø-kotchí, **sogro A6**
	huchi, **irmão mais velho P18**
	ove-notji, **mulher velha-Guaná**
	occiu, **mãi K65**
	dadoo-kootchi, **avô A6**
	tita-usi, **bisavô P18**
ingniut. züzü, filha	pakuschuzü, **criança P14**
	chichi, **mãi P 18**
	dada-hinchi, **tio A6**
	daoo-enchi, **primo A6**
tsi, lenha, árvore	paic-ouchi, **lua K65**
utschih, uche, **sol**	naibouch, **ceu P16**
lettzeh, mato	nai-uchiqui, **ceu P18**
	oschy, **lua P11**
	ursche, **lua P8**
	use, **lua P18**
	uci, **lua K28, K39**
	se, **árvore, lenha K8**
	ueh-sé, **ceu Tc 24**

ibichó, **homem, pessoa**	pi-haoua, **mulher-Guahibo**
	pi-cha, **sobrinha P18**
	pi-cha, **madrasta K28**
	pi-chi, **irmã mais moça K21**
	chip-pi, **irmã mais velha P18**
	ouca-pi, **irmã A44**
	ama-bi, **neto A28**
	a-bi, **pai A5**
	a-pi-tsi, **avô, avó K47**
	a-pi-gi, a-pi-tsi. **pai P8**
	ezot-a-pi, **irmão mais velho A28**
	a-pi-ne, **irmão mais velho — Trumaí**
	a-pi-si, **irmão mais novo — Trumaí**
	ain-bi, **irmão T13**
	si-bi-ou, **criança K24**
nim. bi, **neto**	bi-y, **pai A64**
	bibi, mãi, avó K24
	yeni-pe, **criança A20**
	yana-pe, **criança A48**
	nac-abi, **sol — Guahibo**
	s-bi, **parir P18**
bui-gnich, **calor**	kuit-sará, **lua (Oregone)**
bui-cobehüh **(Sab.) calor**	ui-ne, **estrela A6**
caja-bluih **(Sab.), dia**	hui, **chuva A6**
	buino, **Pleides — Jarouro**
popo, **irmão**	waa-poh, **tia K1**
u-wo, **cunhado, marido da irmã**	wara-buh, **velho K44**
	ãn-po, **velha, sogra K3**
	na-po, **mulher K2**
	imom-bo, **ovo K24**
	no-bo, **avô-Warow**
tshibari-nang, **rapaz**	inaman-ari, **creador K65**
	japitu-ári, **Deus da mandioca K65**
	paitun-are, **demónio das águas K65**
	ary, **dia A35**
	andet-ari, **criança A13**
	p-ari-o, **irmão mais velho K8**
	iw-ári, **irmão mais velho K8**

	nau-ari, amigo A65
	hein-ari, **homem A13**
	am-aré, tu **K65**
	aschat-ari, um demônio **A64**
	sav-ari, demônio A64
	in-aru, **mulher A19; A20. A46; A43; A32**
	ina, **mãi A65**
	ina, ena, **mãi — Guaíbo**
b-atth hüh,, **estrela**	u-adi, p-adi, **lua T33**
b-athüh **(Sab.), estrela**	adi-rava, **estrela T33**
	w-adi-rara, **ceu T33**
	amapp-adi-n, **deslumbrar A6**
	kuar-ade, **Sol T34**
	hay-adi, sol T36
	m-adi-gaú, **lua T36**
	kxo-adú, **sol T13**
	j-atti, **noite A65**
	ghüg-aty, **fogo A34**
	k-atti, **A6**
	l-adi, ventre **A54**
m-uttuh, **ventre**	utu, **Avó T19**
m-uttuh **(Sab.) ,ventre**	n-oto, **avó K21**
	not, avó K65
	ôtu, avô K24
	eme-udum, **parir A6**
	eme-udu-tu, **mulher no ato de parir A6**
	te-uté, **criança—Makú**
	t-ote-ne, **seios A45**
	i-otí, **carne K16**
	i-oti, **carne K45**
	i-outti, **carne K14**
	p-uti, **mulher casada K65**
	po-ito, **rapazinho K2**
	p-ito, **criança K24**
	hab-ettou, **mulher velha A6**
	s-otu, **mulher A31**
	eto-no, **moço A14**
	ing-gu-itü, **umbigo K44**
	neke-uta, vulva **A4**
	uta-vuru, **ventre A40**

in-gniura-ng, **filho**	k-ura-ge, **moço A8**
	ura-nmo, **criança de peito K3**
	kxura, **gente, povo K3**
	jura, **dono, amo K14**
	idi-úra, didi-uru, dijura } **leite de mulher A6**
	oura, **lua — Otomaca**
jats-ammuh, **parente**	
jats-ammuh, **(Sab.), parente**	y-amu-tz,**parente A2**
	mu, **tio A21**
	w-amo-ko, **cunhado do homem K8**
	amo-co, **avô k39**
	t-amo, **homem velho K45**
	a-amoh, **avô K1**
	t-mo-ho, **velho — Guaíbo**
	gh-amu, **sol K38**
	k-amu, **sol A37**
	c-amu, **sol A13**
	g-amu, **sol A13**
	g-amu-i, **sol A46**
	c-amuí **sol A12; A52**
imü-tzi, mu, **raiz comestivel**	
	imu-, **mandioca K19**
	imb-ru, **ovo K8**

Além destas comparações, que bastariam para demonstrar o parentesco do cariri com as línguas das famílias aruaque, caraiba, tupi, tocano e pano, R. Schuller regista outras menos expressivas, mas ainda bastante valiosas. Em outro trabalho, "As linguas indígenas da bacia do Amazonas e Orenoco" consigna várias de especial importância para provar a origem especialmente aruaque-caribe das tribos cariris. Não podemos deixar de transcrever algumas das mais interessantes para a nossa tese. Ei-las:

CARIRI	**ARUAQUE-CARIBE**
inhura, **filho**	i-yere, **filho A1**
	utoto inhúrui, **rapaz A40**
	itau inhúrui, **moça A40**

iny uru, **menino A40**
inyua múto, **menino K8**
asch inhor, **homem A2**
tscheinhor, **filho A2**
majoyór, **virgem A27**
ohiro, **filha A41**
nisere, **primo A21**
nizera, **irmã A26**
ehinari, **homem A13**
nou-aniri, **meu pai A44**
dute hiro, **menino A41**
enira, **homem, menino A26**
inhoru, **ovo K8**
ir zórzo, **irmão mais novo A59**
irchori, **irmão, primo A59**
intere, **menino A45**
ineri, **homem, gente A45**
atsinari, **homem A19**
inaru, **mulher A19; A20**
inaru, **mulher A46; A20**
inarou, **irmão K4**
inaru, **mulher A46; A48**
inanáru, **mulher A58**
atsinali, **homem A20**
nini, **menino pequeno A4**
nu-niri, **meu pai A14**
aini yarur, **mãi P11**
ina, ena **mãi — Guaíbo**
emurú, **filho K65**
inulu, **filho K13**
unuro, mulu, **filho A40**
imu, **ovo K3**
mule, **família A4**
úlue, **menino pequeno — Uitoto**
mule, **menino, criança Tc. 16**
nemuár, **menino pequeno A2**
yamukui, **rapaz A38**
moní, **rapaz K3**
iméri, **rapaz K8**
mulé, ommu, **rapaz K39**
mumu-re, **rapaz K45**
nehúlu, **testículo A26**

	Imo, ovo — Carijona
	ateynal, homem A8
nunhuh, lingua	**ninhinn, lingua A2**
	nenne, lingua A62
	nuru, lingua K65
utschih, fogo	**inchi, sol A2**
	chichí, fogo P16
tzambu, cabeça	**mapu P18**
da, dente	**najés, dente A2**
bate, casa	**bacü, casa A2**
haeké, sobrinha	**bako, filho P9**
bewô, árvore	**bedu, lenha — Makú**
tzi, lenha	**tzé, fogo A38**
dube, chefe	**abe, avó A41**
jatsammuh, parente	**yamútz, amule, parente A2**
tubbuih, Deus	**puinc, Gleidas — Yaruro**
byké, irmã mais nova	**baque, filho P18**
cuccuh, tio	**cõke, sogro A62**
utschih, uche, Sol	**use, lua P18**
utschéh (Sab.), sol	**ursche, sol P8**
dzu, água	**únn, água A2**
	missú, rio — Trumaí

O linguísta C. H. Coeje confirma com outras comparações interessantes o parentesco cariri-caraíba, deixando suspeitar relações da mesma natureza entre o cariri e o tupi. Vamos transcrever as que nos pareceram mais interessantes e positivas da sua obra "O Cariri".

CARIRI	CARIBE
hi, prefixo pessoal da 1a. P.	**y**
a prefixo pessoal da 2a. P.	**a**
i, prefixo pessoal da 3a. P.	**i**
di prefixo pessoal da 3a. P.	**tu, ti**
ku prefixo pessoal da 1a. Pp.	**ku, ki**
dsebu; K tsambu, cabeça	**asa, cabeça; use, cabelo; usa-ku, encéfalo**

po, olho	opo-te, olhar, ver; K21 sonhar, encontrar
banhe, **orelha**	pana
nabidze, **K** nébi, **nariz**	enata
nhunu, **lingua**	**nu**
hebi, **lábio; hebe, riba, margem**	**K21** etpi; **T44** em-bey, **riba**
woro, **palavra, boca**	**K21 kuoro, garganta; T44** yurú **boca**
ware, **sacerdote**	wale, **cantar**
ubuire, **ventre**	poburo, **peito**
mudu, **utero**	mune
bo, **braço**	apo. **T24, T44** po, **mão**
K amysã, **mão**	**K21** emia, **mao**
bui, **pé**	pu. **T24, T44 py** ,pé
sõko, **urina**	**K69** chuku, **urina**
dzo, tso, **ser entornado**	**K21** achuka, **dissorar;** achukta, **gotejar**
arã, **varão**	**K21 warazo**
politão, adolescente	poito
boito, ser **casado**	puito, **esposa**
kuku, tio	**K8** ogu
anha, **tia**	**K39** Wane
K se, **senhor**	**K21** eseno, **msetre**
ba, **morar, bate, morada**	bata, pata, **lugar aldeia**
pita, **rede de dormir**	pati, **rede (de dormir)**
K. u-ba-mana, **plantio**	manha, **plantação**
K. mena, **paliçada**	amenarí, **aldeia**
utona, **farinha de mandioca**	**K65** ute
u-rada, **terra**	ra, **solo**
ukewo, **peçonha**	okoyu, **serpente**
boedo, **monte**	uepui
erã, **folha**	arí; **K21** arete
puru, **flor**	puili; **T24** putira; **T44** yboty
epru, **cacho**	pere, **fruto**
mui, **raiz comestivel**	**K21** imiti, **raiz**
ka, **dirigir-se a alguém por palavras**	ka, akara, **dizer**
ne, **nhunhie, obediente**	-ne-ndo
ne, **ver, ouvir**	ne, ver; enu, **olho**
neka, **objecto guardado**	enek, **objeto de adorno**
uno, **sofrer**	**K21** hue, **torturar**
ule, **K. re, irado, irritado**	ore-ko, **ficar irado**
lambui, **chegar ao fim**	irambu, **morrer;** irombo, **o que passou**
titi-titi, estremecer	**titiri; T21 ryry;**
tu, **pensar**	**K 65** putu
me, **tinta de jenipapo**	**me, sinal**

habe, **salário**	epe; T44 epy
ubi, ver, ouvir, K. by, **procurar alguem**	upi, procurar
pi, **pequeno**	K26 pi-shaka, **pouco.** T21 miri, pequeno pouco; T44 mi, um pouco
pah, **serbatido.** po, **golpe**	apo, amassado; putu, **clava de guerra**
upu, **soprar**	K26 po-to, **acender; wapoto, fogo;** T21 peyu, **soprar, vento**
pu, **assar**	pu
wi, **ir embora**	winha, **movimento para além do objeto;**
ui, **desaparecer**	ui, **posposição;** T21 s-ui; **T44 gui**

O Dr. Baptista Caetano, em 1877, tentou fazer uma aproximação do cariri com o tupi. Depois de apontar várias comparação mais ou menos sugestivas, chegou a conclusão de que aquele idioma não é um dialecto desta língua, mas tem as duas entidades linguísticas alguma cousa de semelhante.

Vamos relacionar as suas comparações mais características:

KARIRI

ambé, **paga**	hep;
ambú, **fronteiro**	amb6ypyr **o lado oposto**
anhá, **tia**	an·e **parente**
anhi, **alma**	ang, **alma, sombra**
babasité, **espeto**	b.bag, **o que se revira ou volta**
baeké, **sobrinha**	yké **irmã mais moça**
baeru, **calcanhar**	pyrú, **pisar**
bakiribu, **pente**	kyb, **piolho;** kybu, catar, kybab, kygua, **pente**
baté, **morada**	tyba-eté
by, **pé**	py, **pé**
bydi, **cinza**	ty, **cisco,, lixo**
byké, **irmã mais nova**	**yké**
bo, **braço**	**pó, mão**
bu, **espiga**	ur, **brotar;** byr, **levantar-se, crescer**
bucupy, **flecha de milho**	b-kupy, **perna de árvore**
buibu, **cabaça**	bebui, **leve, boiante**
buicú, **flecha**	uyb-ukú, **flecha longa**
buró, **casca**	irer, **couro, pele**
cavá, **noite**	aaru, **a tarde**

ceyé, manhã
cc, fogagem
cotó, virote
cramemú, caixa
cró, pedra
cradzó, vaca, carne
cu, licor
dzu, água
culmbó, pó que fica da farinha
de, mãe
dubé, aio
dzá, dente
dzé, nome
einhé, noticia
etsamy, parente
eyapó, crueiras de mandioca

he, tripas
hebarú, tronco de pau
hó, fio
kidi, bolor
marã, inimigo
mu, raiz
mucri, umbigo
naembi, nariz
nhupy, vinho de milho
nhiké, avó
pepete, palma do pé
pycá, banco
paewi, cachimbo
pi, pequeno
py, capim
potú, medonho
prenhé, fígado
ro, vestido
si, coração
saby, cadeiras
tykykú, carimã
seridzé, arco

somby, pendão de milho

koe, manhã
koõ, arder, queimar
kutug, furar
caramemuã (tupi), karamenguá (guaraní)
kurú, torrão, seixo
kara-soó, animal, carne de animal
ikú, cousa líquifacta
ty, líquido, limpha
kuibor, pulverulento
si, mãe
tubé, pai diferente, padrasto e tutor
tãi
ter ,,
teinhéa, fábulas
tamôi, tamui, avô
hapó, raiz; eyapó, raiz fibrosa, a que não passa na peneira
tyjé, barriga ,tripa
yba, fruto; árvore
pó, fibra, fio
kati, mau cheiro
marã, desordeiro
mu, parentesco
pykyr, centro e bico
nambi, orelha
jupyr, comestíveis e bebidas
tyké, irmã mais velha
py pyté,
apykab, assento
petyyb, tubo do cachimbo
mi, pequeno
kapii
pytu, escuro
perebe, baço
tob, folha; aob, roupa
sy, mãi, origem, fonte
tebi, nádegas
typybú, sedimento
syryb, ponta de flecha; seridzé, vara da flecha
tumbyky, bico, ponta de qualquer cousa, principalmente de frutas

songá, penas novas
teké, neta
tinghi, cana flecha
tó, avó
ubó, fruta
waruá, espelho
wasú ,esquerdo
wõ, caminho
woré, encruzilhada

andi, lançar cheiro
bapi, estar deitado
bohé, ser ensinado
by, correr
byté, tornar
dzunú, dormir
eikó, sarar e descançar
enunhé, guardar se
ho, voar
ibae, subir
keikó, encobrir
marã, pelejar
nhá, morrer
suipú, fumegar
sá, nascer
sadá, secar, estalar
saicró, arrebentar as plantas
tidzó, chover

titi, tremer
usé, alegrar-se
wó, caminhar

háb, penugem; hungá, apalpar
tykér, irmão mais velho
tingi, cipó mata peixe
tub, pai
ybá
guaruá
jasú
ho, ir
horé, por onde se foi

teakuandí, está exalando bom cheiro
guapy, estar sentado
mboé, ensinar
jepy, voltar
jeby
tekó, estar
nhenhõ, deitar-se
hó, ir
ybag, céu; ybaté, alto
zoacúb
marã, desordem, motim, guerra
ár, ;, cair
pupúr, fever
sá, jab
satã, hatã, duro
korõi, brotar
ty, sumo, caldo, líquido; tyhó, baixar a corrente
tyty
h e, ser grato, ser feliz
hó, ir

A demonstração do parentesco do cariri com o tupi, feita pelo linguísta brasileiro é satisfatoria

Certas palavras oferecem um especial valor demonstrativo. R. Schuller, com objetivo diverso explorou algumas, como *nhu, nu, nhure* ou *nhura,* filho; *etsamú amú,* parente

Vamos examinar mais algumas outras de indiscutível importância para o objectivo deste trabalho.

Sem dúvida, é natural que as ideias de boca, língua, lábio, bem como das respectivas funções, ingerir (comer ou beber), falar, dizer ou vozear, gritar, clamar, etc estejam mais ou menos intimamente relacionadas entre si nas línguas antigas, como são as americanas. Daí, o esperar que as palavrs representativas ofereçam ,raizes e até temas comuns, senão mesmo uma certa troca no sentido, dentro do grupo léxico que traduz aquelas ideias. Isto tem sido verificado no estudo comparativo das línguas malaio-polinesianas, americanas e australianas.

CARIRI

K. Waridzá, **boca**
PB. Orizá
Dz. Wolidzé
S. Orizé

CARAIBA

Mudá, ndá; botárri, 1; muitá, 2; dack, , 13; tári, 8; utá. no, 21; mtar, 24; emba ári, 27; in d'sre, 29; in danáque, 31; undá, mutá, 41; untá, 82; emtá, potá, 46; kotári, 44; antále, 55; mdári, 63; mutá, 67; yená sore, 69; potáre, entala, 70; i potá, 81; umdáti, 40; em. dári, 74.

PANO

koja, .9; xótá, **dente**, 19; rãtxá, falar, 19; chi-itá, 4; tsi-itá, **dente**, 14; üshá, 14; se etá, **dente**, 8; dzá, **dente**, 11; ecuachá, 11; setá, **dente**, 7.

UITOTO

ki. matá, **pescoço**, 1; ki. myatsá.
ka, **bochecha**, 1.

ARUAQUE

un, tágu, 56; otago, 11; uitá, oytá uni, **beber**, 33; nik tenao, **beber**, 42 eytaleu, **beber**, 28; netá, **lingua**, 34; patáli, watáli, **língua**, 12; nôttá, **minha língua**, 3; nyati, **língua**, 59.

TUPI

sitá, **lábio**, 13; mabitá, **comer**, 21; atécong,

comer, 14 atécaun, beber, 14; indá, dente, 3; itái, dente, 19.

TOCANO

ntiã, comer, 13; duã, língua, 13; diéro, 10; itcéro, boca, 7; ithiéro, boca, 15

TUPI

K. Tzá, dente
P.B. dzá
S. zah

indái, 3· çainha, tanha, 4, 22, 25, 29; ae. rái, 7; saí, tsai 8; çanha, 10, 23; ae. rái, 11; rái, 12; erai ,14; say, zaí, 15; ae. rái, 16,21; ranha, 18, 43; yene rái, itái, 19; tãy, 20; sanha, 27; e. ranha, 28; taim, 30; e. rãi, 32; e. nãi, 32; omái. 33; a. iá, 34; rahy, 37; hai, tai, 39; sanha, ranha, tanha, 40; tãi, tãim, 44.

ARUAQUE

naí, né, 3; nay, 3, 34; naí kurí, 7; caí, 9; naü, 16, 18; ihi, 25; natu (u frances), 35; naíkulí, 41; et. set, echét, e. tché, 8, 47; huisé, 50; áhai, ási, 52; nitsere, pitsere, 57.

CARAIBA (K)

zeru, téré, 2; yé. ri, 4, 3, 24, 26; uié, 5; ieri, 37; jári, 55; y, é, re, 45: uvi. re, u. vi. re, 47; jerê, 48.

PANO (P)

sa. ti, flecha, 19; chi, itá, boca, 4; ése, dente, 3: setá dente, 8; tchitá, dente, 14; dzá, sitá, 11; chaillá, dente, 10; xota, dente, 10; xota, dente, 9; arãi, flecha, 9.

	PANO (P)
Nunú, lîngua **(todos os dialetos)**	**rana, 9; âna, 14;** yupenu, **comer, 14;** hana, 16; hanab, 4; eána, 3; jána, 15; ine caybáb anú ,11; ana, 7;
	CARAIBA (K)
	nuro, 2; nuru, 63 inu, 81; ilú, 4, 8; iurú, 44; unu. m, 31, 41; onnú, 41; nuri, 24, 55, 67; enuru, enule, 70; anulo, 11; enuru, 27; nú, o, 47; u. uru, 82; unuru, 83;
	ARUAQUE
	nelô, 4; nüny, 16; nena, 33, 62; lenau, 32; nene, 42; nênê, 23, 29; e nana, 48; ninhe, 12; nenepe, 36; nehêne, 28; nunái, pinyéi, néi, 57; guené, 50; nu nei, 36, 38; ninise, 7; cajono, 9.
	TUPI
	cu, 37; apecu, cu, 12 21, 24, 29, 39, 45; ipecô, apecó, pecô, 20, 10; intengú, 3; yekô, 19; jape cong, 25; aicuú, 1; aê cume, 1; waicó, 14; acu. m. 21; si cuã, 13; ape cum, 38; apeckon, 30; apêcom, 13; apicu, 18; ia picôn, 4.
K. ami, **comida, mantimento**	h. ani. choá; ní. ngá, A28; maniçà, 47;
Dz. ami, **comer, alimento, nutrição**	nu. nicó, A39. t. emi. ú, T18; mi. ú, T29.
P B. ami, **comer**	ami. tua, K8; mani, K61; emi, beber, K5; aminê, K61; emi, beber, K5; animê, K27; cheme. r, beber, K24; eme. ri, beber, K63; ênê. ve, K46; ini, K1.
	CARAIBA (K)
K. isú, sú, fogo, lenha.	kachí, sol, 61; kachi. cochi, sol, 11: tchi,
S. utche	xi. sol, 37, 40; uci, lua, 31, 41; wa. snê, 47; quicê, lua; ata-quicê, luz, 12; xixi,
PB. utchí, **sol**	sol, 2; xixi, tchichi, sol, 8; uci, sol, 28, 39.
PB. tsí, **lenha**	**PANO (P)**
S. inu, **fogo**	y. unitchi, **diabo, 11;** naib. uchi. que,
PB. issu, **fogo**	ceu, 18; oschy, lua, LL; ursche, lua, 8;
hechí, **alto**	tschü, fogo, 8; ozü, 11.

ARUAQUE (A)

c. átche, sol, 28; s. ache, sol 39, 43; s. ácce, sol, Mossa; tshê, he, fogo, 29; yrisy, fogo, 36; k. átchi, sol, 63; k. atchi, fogo 35; jixê, fogo, 54; y. tsche. pa, fogo, 36. itchi. pa, fogo, 52; w. ishi, estrela, 37; y. atschi, lua, 16; k. atsí, lua, 6; c. ashí, fogo, 64; c. asi. ri, lua, 62. tschi. k. asi, fogo, 37; k. áthi, lenha, fogo, 60; c assi. ri, sol, 65; ashida, lua, 12; c. assi. ri, lua 64; chinchi, fogo, 66; intschi, sol, 2; sam. enchy, diabo, 45; hat, xé, sol, 28; cachi, cochi, sol, 15; katchê, katxé, 28; chichi, fogo, 3, 50; dissy, fogo, 8; ársí, fogo, 12 tchite, fogo, 25, tachi, fogo, 27; itzei, itse, i, fogo, 57; zro, jrc, fogo. 58;

TUPI (T)

cuara. cü, sol, 1; xixi, sol, 2; ashiú, fogo, 34; achi, sol, c. achi. mbué, ceu. 13; coara. cy, sol, 4, 22, 25, 29, 31; cora. hê, sol, 4; quara. ü, sol, 5; kwarai, sol, 7; quara. tshê, sol, 8; quara. zi, sol, 12; uachi, uaschi, caxi, sol, 14; ghualachy, huarassi, sol, 15; coracy corassê, corarry, kwarahi, sol, 18; quarahü, sol; çahü, lua, 11; kuara cy, 20; kuara. í, sol 21; coarací, sol, 23, 38; kwarasy, sol, 24; coracê, sol, 27; curassi, sol, 28; coraí, sol, 32;; kaidí, sol, 33; kuara. dê, sol, 34; quaraci. sol, 39; curací, 43; achi fogo, 13, 34; yasüe, lua, 2; iacy, lua, 4, 12, 22, 25, 39, 29, 31; yasê, lua, 5, 27; yahí, lua, 7, 16; yasi, yachê, lua, 8; uachi. at, caxi. at, lua, 14; yacü, lua, 15; yahê, lua, 16; yacy, zarrí, zahi, lua, 18; jaci, lua, 23; jacy 24; kachi-kwa, lua, 41; yaü, lua, 19; yaí, lua, 21; i-así, i-assê, lua, 28; yaê, lua, 32; uâdi, lua, 33; iací, lua, 38, 42; yaci, lua, 44. (2)

(2) A falta de sinais gráficos obrigou algumas vezes o uso inconveniente de modificações ortográficas, como nh por ñ, etc.

As comparações feitas bastam para demonstrar que o parentesco do cariri com as línguas faladas pelos povos do tipo étnico brasílico é da mesma ordem que o que relaciona entre si o falar característico daqueles elementos raciais.

Seria possível levar mais adiante a relação de exemplos expressivos, mas seguramente o que está feito basta para convencer os mais exigentes linguístas, dos que estudam os idiomas sul americanos.

O cariri está para com as línguas aruaques, caraibas, tupis, uitoto, panos, pebas, etc. assim como provàvelmente o português está para o francês, italiano, espanhol, rumeno e todas as outras línguas românicas. A semelhança léxica acompanha também a analogia sintática. Oportunamente teremos de mostrar objectivamente as relações desta natureza, analisando especialmente a sintaxe do cariri, do caraíba e do tupi. Releva adiantar que as diferenças estruturais de ordem gramatical não comportam outro tipo de parentesco que importe num grau capaz de invalidar as conclusões ditadas pelo estudo léxico comparativo.

....

OBRAS CONSULTADAS

Os principais trabalhos consultados foram:

ABREU, J. Capistrano de. A Língua dos Caxinauás do rio Ibuaçu. Rio de Janeiro, 1914.

ABREU, S.Fróis. Na Terra das Palmeiras. Rio de Janeiro. 1931.

ADAM, Lucien. 1) Materiaux pour servir a l'establissement d'une Grammaire comparée des diatectes de la Famille Kariri. Paris. 1897.

2) Materiaux pour servir a l' établissement d'une Grammaire comparée des dialectes de la Famille Caribe. Paris, 1893.

3) Materiaux pour servir a l'éetablissement d'une Grammaire comparée des dialectes de la Famille Tupi. Paris, 1896.

4) Grammaire de l'Accauai. 1904.

ANCHIETA, Joseph de. Arte de Grammatica da Lingua mais usada na Costa do Brasil. 1595. Ed. de J. Platzmann. Lipsia, 1874.

ARAUJO, Antonio de. Catecismo Brasílico da Doutrina Criãts, 1686 — Ed. de J. Platzmann.

ARRONCHES, Fr. João de. O Caderno da lLíngua ou Vocabulário Português-Tupi. 1739. Ed. de Plinio Ayrosa. S. Paulo, 1935.

BARBOSA Rodrigues, João. 1) Pacificação dos Crichanás. Rio de Janeiro, 1885.

2) Poranduba Amazonense. Manaus, 1887.

BEUCHAT, H. e Rivet, Paul. La Famille Linguistique Zaparo. 1908.

CAETANO d'Almeida Nogueira, Baptista. 1) Vocabulário das palavras guaranis usadas na "Conquista Espiritual" do Pe. Ruiz de Montoya. Ed. dos Anais da Biblioteca Nacional, 1879|1880.

2- Apontamentos sobre o Abanheênga.

CASTILLO. Pedro de. Os Nomes das partes do corpo humano pela língua do Brasil. Século 17°. Ed. de P. Ayrosa. S. Paulo, 1937.

COSTA, Dom Frederico. Elementos necessários para aprender o Nheengatu. Manaus, 1909.

CREQUIS-MONTFORT e P. Rivet. 1) Linguistique Bolivienne. 1913.

2) La Famille Linguistique Takana.

COUDEAU ,Henri. Vocabulaires Indiennes.

EVREUX, Pe. Ivo d'. Viagem ao Norte do Brasil. Tradução do Dr. Cesar A Marques, com introdução e notas de M. Ferdinand Diniz. Maranhão, 1874.

FIGUEIRA, Pe. Luís. Arte de Gramática da Língua Brasílica. Lisboa, 1687. Nova Ed. de Emílio Allain. Rio de Janeiro, 1880.

FRANÇA, Dr. Ernesto Ferreira. Crestomatia da Língua Brasilica Leipzig, 1859.

3) Esboço Gramatical de Abanhee, 1879.

KOCH-GRUNBERG, Dr. Theodor. 1) Os Índios Ouitotos, 1906.

2) Ein Beitrag Zur Sprache der Ipuriná-indianer. 1919.

MAGALHÃES, Couto de. O Selvagem. 1a. ed. Rio de Janeiro.

MAMIANI, Luiz Vicencio. 1) Arte de Gramática da Língua Brasílica da Nação Kiriri. Segunda ed. Rio de Janeiro, 1887.

2) Catecismo da Doutrina Christã na Língua Brasílica da Naçam, Kiriri. Primeira Ed. Lisboa, 1698.

MARCOY, Paul. Voyage Á Travers L'Amerique du Sud. Paris, 1869.

MARBAN, Pe. Pedro. Arte de la Langue Moxa. 1760. Facsimilar de J. Platzmann. Leipsig, 1894.